

NO CIRCUITO DA PINTA: ESTILO, (HOMO)SEXUALIDADE E DIFERENÇA EM SOCIABILIDADES JUVENIS

Marcelo Perilo¹

Resumo²

Nesta comunicação, verifico os estilos e marcas corporais de jovens em ambientes de sociabilidade a partir de uma etnografia na cidade de Goiânia e região metropolitana. Acompanho garotas e garotos em contextos de lazer tendo como referencial a diferença como categoria analítica. Considerando sexualidade, gênero, raça, classe e geração como marcadores sociais prioritários a partir do trabalho de campo, reflito como o estilo torna inteligíveis as diferenças entre as/os jovens e seus outros, bem como potencializa conflitos e disputas em seus circuitos pela cidade.

Palavras-chave: estilo, sexualidade, diferença, sociabilidades, antropologia

1. Apresentação

Este texto é oriundo de uma etnografia que realizei em Goiânia e região metropolitana. Exercito aqui a leitura de meu trabalho de campo a fim de destacar a relação entre performances corporais e estilos adotados por jovens homossexuais em contextos de lazer. Para tal, destaco conversas informais e observação participante junto a garotas e garotos em seus trânsitos pela cidade, o que inclui sua ocupação de um parque público, a presença em festas matinês em uma boate e, ainda, deslocamentos por bairros onde residem. Realizo ainda aproximações a algumas etnografias para agregar outras perspectivas analíticas ainda não exploradas no processo de escrita de minha dissertação.

Em outros trabalhos, frisei a relevância de uma leitura do campo que tomasse a diferença como categoria analítica, ou seja, relacionando distintos marcadores sociais que permitissem análise de hierarquias, relações e dispositivos de poder (PERILO, 2011; 2010). Continuo investindo nessa perspectiva e para este texto aciono mais um

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. gyp3@hotmail.com

² Trabalho desenvolvido sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Rodrigues Souza.

elemento, o estilo – o que favorece outras abordagens sobre diferença das/os jovens entre si e em relação àquelas/es presentes nos locais que freqüentam.

O ponto de partida para a análise corresponde ao local onde iniciei o trabalho de campo, o parque Sullivan Silvestre, mais conhecido como Vaca Brava – circunscrito a uma região de alto padrão de consumo em Goiânia. Nesse logradouro público, identifiquei a presença periódica de dezenas de jovens que se distinguem de outras/os que ali circulam em função de dois principais motivos. Em primeiro lugar, por desafiar a compreensão sobre seu gênero mediante performances corporais e trajes que utilizavam. Em segundo lugar, por conta das demonstrações de afeto e flerte entre as garotas e entre os garotos.

Esse local, essas condutas e esse público não ocorrem a qualquer data e horário. As garotas e garotos ocupam uma região específica no parque a cada domingo nos períodos vespertino e noturno e constroem periodicamente tal ambiente. Como se trata de uma região que difere do restante do parque, passou a ser referida pelas jovens de diversas formas, sendo “Área GLS”, “Área VIP”, “Área Fértil” ou demais termos que permitem sinalizar que tal local é propício para encontros e agenciamentos eróticos entre pessoas do mesmo “sexo”.

O Vaca Brava é atendido por diversas linhas de transporte coletivo e está situado próximo a hospitais, escolas, supermercados e um shopping. A região onde o parque está inserido passa a ser rota para muitas pessoas e o torna muito movimentado, inclusive porque ele é em si um dos motivos para a aglutinação de transeuntes. Durante os domingos, grupos ainda mais numerosos de pessoas com diversos estilos disputam a ocupação dos espaços em meio às pistas para caminhada, o bosque, o lago, os aparelhos para ginástica e o extenso gramado.

Desde que me instigaram a iniciar um projeto para compreender suas sociabilidades, essas garotas e garotos impeliam o acionamento do gênero e da sexualidade como importantes categorias de análise. À medida em que me aproximava delas/es, compreendia que outros marcadores sociais deveriam ser considerados. Sua presença no parque demandava um delongado deslocamento espacial a partir de sua

região de moradia, geralmente na periferia de Goiânia ou em cidades fronteiriças, o que demandava destaque sobre classe. Além disso, identifiquei que essas/es jovens eram em sua maioria adolescentes negras/os ou pardas/os, fatores que tornam mister o destaque sobre as categorias cor/raça e geração.

O acionamento do estilo como elemento para análise da diferença torna-se favorável por conta de minha aproximação com as/os jovens em seus contextos de lazer, pois estes demandam investimentos corporais ainda mais elaborados que aqueles referentes ao trabalho ou cotidiano. Em algumas etnografias, como as de França (2010), Facchini (2008) e Vega (2008), o estilo é acionado por favorecer à compreensão sobre a constituição de subjetividades relacionadas a distintos investimentos corporais, tais como a utilização de roupas, acessórios, maquiagens e penteados.

Abramo (1994) destaca que estilo corresponde a uma criação intencional, conjunto de traços que denotam deliberado investimento em distinção entre sujeitos. Em certos contextos, o próprio estilo pode ser elencado como elemento agregador ou segregador mais influente que outra possível diferença existente entre as pessoas e grupos. Como os pertencimentos relacionados a estilos são instáveis, contingentes e situacionais, como destacam Simões (*et. al.*, 2010), para compreendê-los realizados pelas/os jovens, desloco-me do parque. Um dos demais ambientes que frequento junto às garotas e garotos são as matinês na boate Total Flex, em Goiânia. Voltadas para público de faixa etária entre 15 e 21 anos, essas festas ocorrem esporadicamente aos domingos, das 15 às 21 horas. Além disso, identifico mais elementos para a análise quando destaco os bairros em que residem as/os jovens, locais onde também circulam para sociabilidades semelhantes àquela que têm no parque.

Sendo assim, apresento situações oriundas do trabalho de campo que permitem averiguação do estilo dentre as jovens e seus “outros” para, então, considerar como este opera para a criação de subjetividades, bem como para inteligibilização da diferença.

2. Garotas, garotos e suas diferenças

Três situações favorecem à compreensão sobre como os estilos são produzidos na Área e, por conseguinte, constituem sujeitos e diferenças internas entre as/os jovens que a freqüentam. A primeira delas ocorre no início de uma das tardes de domingo quando Andréia³, garota de 15 anos, aproximou-se de mim para perguntar se ela estava bem com sua roupa. A garota trajava uma calça vermelha; blusa preta curta e de manga cavada, que exibia parte de seu abdome; e boné com aba para trás, que evidenciava o corte arrojado na franja de seu cabelo longo e negro com tonalidade próxima à de sua pele.

A questão de Andréia remetida a mim torna explícita a preocupação com seu estilo. Eu respondi que ela estava bem e perguntei se existia um estilo específico entre as pessoas na Área, quando Andréia e Hiran, um amigo de mesma idade, indicaram que não há somente um, mas vários estilos presentes neste ambiente. Esse garoto, então, nos conduz à segunda situação onde se evidencia o deliberado investimento estilístico entre aquelas/es ali presentes.

Tendo conhecido Hiran na Área, sempre o notava trajando camisetas com estampas coloridas e calças com diferentes tons a cada domingo. Em função de um encontro com o garoto no Vaca Brava em uma quarta-feira, percebi a expressiva diferença de seus trajes em relação aos que utiliza aos domingos. Hiran estava vestido sem o mesmo apuro em cores que ele utilizava na Área e o questionei sobre tal diferença. Ele mencionou que se sente mais à vontade para ousar aos domingos junto àquelas pessoas, quando investe inclusive em seu cabelo – que passa por alisamento e recebe retoques periódicos.

Hiran reiterou o que havia me dito antes, ou seja, que há variadas formas de se portar no local, além de distintos estilos, incluindo aquele que identifica como “emo”⁴.

³ Os nomes próprios neste texto não correspondem àqueles utilizados pelas/os garotas/os. Essa escolha implica em sigilo quanto àquelas e aqueles envolvidas/os na pesquisa.

⁴ Raphael Bispo (2009) indica que este termo surgiu do *emotional hardcore*, seguimento de rock cuja expressão inicial ocorreu na cena underground estadunidense. Há um investimento em certos tipos de roupas, acessórios, maquiagens e penteados que tornam o emo um estilo distinto de outros, como o punk e o dark. Apesar de não constatar em campo quem se auto-afirmasse emo, pode ser que alguém se considere como tal. Porém, seria um equívoco ler essas/es jovens a partir de uma única experiência.

Quando Hiran e outras/os jovens sinalizam que há emos na Área, estão fazendo menção à androginia de algumas pessoas, além do uso de variadas cores em seus cabelos e unhas. Essa referência poderia ser aplicada em termos para Edson, garoto que usa uma tiara para controlar o movimento de seus cabelos lisos; pulseiras coloridas espiraladas em seus pulsos, que contrastam com o tom alvo de sua pele; e óculos com aro e hastes grossas e cloridas. Em certos momentos, Edson utiliza simultaneamente uma bolsa e uma mochila, mas sua notável androginia é sutilmente borrada por conta do pomo de adão que brota de seu pescoço delgado.

Isso nos conduz à terceira situação, que permite um olhar sobre a relação entre performances corporais e estilos entre essas/es jovens. Como as pessoas da Área também recorrem às matinês na boate Total Flex, isso permite que transitem pela cidade e utilizem de seus investimentos estilísticos em outros ambientes em que o público é semelhante ao daquela região que usufruem no parque. Em uma dessas festas na boate, encontrei Marco Antônio, à época com 17 anos, que reforçou uma observação que já fizera quando estivemos presentes na Área.

Marco disse que a boate era lugar onde “o que é homem vira mulher e o que é mulher vira homem”, o que contribui para que o garoto indique que nesse ambiente há pessoas “pintosas”. A “pinta”, termo correlato também utilizado pelas/os jovens, implica que tais pessoas têm posturas que as permitem transitar em performances de gênero. Essas condutas podem ser exemplificadas quando garotos usam leques e os manuseiam de tal forma que provocam alarde com o barulho do objeto quando aberto e fechado abruptamente. Não se trata da ação somente, mas como ela é executada, pois a performance implica em demonstração de glamour e irreverência com tal sinuosidade e elegância que seriam corriqueiros caso executadas por uma garota, mas ressaltam distintos no parque justamente porque quem assim o faz são garotos.

O comentário de Marco Antônio não se refere apenas à reprovação desse tipo de conduta de pessoas que freqüentam o parque ou a boate, mas está relacionado a seu desejo erótico por garotos que utilizem referências que reforcem sua masculinidade. Contudo, mesmo com o desdém, o garoto participa e circula por esses

locais, assim como outros garotos que investem em posturas e referenciais estilísticos como os dele. Calças jeans com corte e tons corriqueiros; cabelos curtos com penteados prosaicos; camisetas com tons pastéis ou claros, às vezes sem estampa; ausência de acessórios ou, quando constam, colares, relógios ou similares que não comprometeriam o desejado reforço da masculinidade – Marco já mencionou que inclusive gostaria de ter um corpo mais forte e voz mais grave.

As peculiaridades internas a essas/es garotas e garotos permitem correlacionar marcas de gênero, classe, cor/raça, geração e sexualidade performadas por meio de estilos para definição de suas condutas e posturas. Andréia, Hiran e Marco não apenas se adornam de referenciais estéticos, mas testam sua eficácia e publicizam tais escolhas, o que lhes permite uma produção deliberada de estilos. A relação desses referenciais em relação às performances de cada garota e garoto permite identificados estilos em processo e, por conseguinte, subjetividades em processo (FACCHINI, 2008).

A utilização de acessórios (bonés, óculos, pulseiras, mochilas ou bolsas), cores (pastéis ou mais intensas) e peças (blusa, camiseta ou camiseta), correspondem a distintas apropriações de referenciais disponíveis a essas/es jovens. Conforme discute Abramo (1994), parte desses itens constam disponíveis no mercado e, como artefatos simbólicos, passam por reconfiguração em um contexto particular. Esse processo não restringe essas pessoas em torno de apenas uma estilo, mas viabiliza a bricolagem de referenciais estilísticos diversos que permitem às/aos jovens que criem vínculos ou distinções entre aquelas/es presentes nos ambientes em que estão inseridas/os.

Considerando que nesta seção me detive na observação dos estilos e performances das garotas e garotos, as características entre elas/es na boate ou na Área parecem heterogêneas o suficiente a ponto de ser questionável sua identificação em um grupo. Contudo, quando destacado o contato dessas/es jovens com “outros” nos ambientes que freqüentam, é possível verificar que as diferenças oriundas dessa relação marcam um contraste entre as/os jovens e demais pessoas. Isso é o que passo destacar na próxima seção considerando demais situações oriundas da etnografia.

3. Além da Área e outras fronteiras na cidade

Cenas de beijos entre garotos e entre garotas, casais de mãos dadas, trocas de afagos e flerte entre pessoas do mesmo “sexo”; “pinta”, descontração e conversa entre amigas/os. Esses elementos característicos das sociabilidades na Área favorecem que as/os jovens utilizem deste espaço a cada domingo, nos períodos vespertino e noturno, como um ambiente em potencial frente a outros a que têm acesso.

As matinês ocasionais correspondem a uma opção para muitas delas/es, mas o valor da entrada (R\$ 10,00) e o consumo de produtos oneram e podem inviabilizar esse espaço como alternativa de lazer para algumas/ns. Mas, em contrapartida, considerando a animosidade frente às performances e estilos dessas/es jovens, bem como a carência de agentes públicos que lhes garantam segurança⁵, a boate possibilita um ambiente mais seguro frente a represálias de pessoas não afeitas às/aos jovens.

Além do parque e da boate, pude acompanhar algumas/ns garotas e garotos em bairros onde residem e visitam na periferia de Goiânia e na região metropolitana. Seja em festas em suas casas ou, ainda, em encontros em praças e ruas, essas/es jovens podem ter interações como aquelas que vivenciam na Área, mas com intensidades e ousadias distintas daquelas verificadas aos domingos. No parque elas/es estão entre 30 e 60 pessoas; nos bairros, pouco numerosas. Na Área compartilham de um ambiente tenso em função de iminentes agressões, contudo, provavelmente menos hostil em relação ao que vivenciam em seus bairros.

Considerando esses três tipos de ambientes – Área, boate, bairros – e as peculiaridades em cada um, é possível verificar diferentes investimentos em estilos e performances por parte dessas/es jovens a depender de onde e como estão. Isso implica em negociações que empreendem em cada contexto, o que permite identificar que em seus trânsitos pela cidade ou, ainda, em seu circuito da “pinta”, as

⁵ Avelar (*et. al.*, 2010) fazem um atento debate sobre as políticas de segurança pública voltadas a travestis, transexuais, lésbicas, bissexuais e gays no Brasil. O estudo indica um panorama desfavorável à população LGBT, visto que a violência que a atinge não estimula ações governamentais de vulto que possam conter os efeitos deletérios das violações cotidianas sofridas por diversas pessoas em função de sua identidade de gênero e orientação sexual. Pude verificá-lo em artigo onde reflito sobre quando a polícia e outros agentes de segurança pública, como guardas municipais, tornam-se as/os próprios algozes das pessoas que freqüentam a Área (PERILO, 2011).

modalidades de deslocamentos realizadas por essas garotas e garotos podem ser intensificadas ou dissipadas, exigindo-lhes performances diferenciadas.

Se na leitura realizada na seção anterior essas garotas e garotos notificavam-se distintas/os em função de suas montagens e condutas, suas diferenças internas tornam-se mais sutis em relação a outros grupos e pessoas que passam a ser contextual e expressivamente diferentes das/os jovens da Área. Aqui, novamente o estilo e os marcadores de gênero, sexualidade, cor/raça, classe e geração permitem inteligibilizadas tais distinções, o que ilustro a partir de algumas situações.

Em uma delas, estava na Área quando encontrei Caio, um daqueles que utilizam roupas, penteados, maquiagens e acessórios que o tornam bastante andrógino. O garoto trajava calça e blusa apertadas, que delineavam seu corpo magro; e portava um cabelo alisado, porém bastante volumoso, o que lhe compensava a baixa estatura. Contumaz no parque e bastante atento às possíveis ameaças a sua presença no local, Caio me alertou para um conflito que considerava iminente: em nossa direção se aproximavam cerca de seis jovens aparentando-se pouco mais velhos que ele, mas com postura intimidadora e indumentária totalmente preta. O garoto temeu alguma contenda, mas ainda assim criticou o grupo em sua diferença e disse ironicamente que ali ocorria “uma convenção das bruxas”.

Não é possível identificar se aquele era um grupo de góticos, darks ou demais sub-divisões dentre aquelas/es que se organizam em torno de simbologias da noite, da morte e da monstruosidade, como discute Silva (2010). Contudo, naquele momento Caio relacionava aqueles homens brancos, com calçados e roupas pretas, a algum referencial estético fúnebre ou vinculado à escuridão, o suficiente para ser erigido naquela circunstância um antagonismo entre as/os garotas/os da Área e os demais.

As pessoas no parque alheias à Área podem não ver as/os jovens em questão com a minúcia necessária para discernir cada experiência e conduta que ali se encontra. Isso faz com que, no contraste com outras fronteiras simbólicas e grupos, as pessoas da Área sejam classificadas em torno de diferenças específicas, o que se percebe mediante a fala de um guarda municipal quando o interpelei sobre os

distintos grupos presentes no parque as domingos. Esse agente de segurança comentava sobre a presença de público variado que se ocupa de cada quinhão do gramado do Vaca Brava e, quando direcionou seu comentário para o local onde emerge a Área, ele sentenciou: “e ali ficam os homossexuais”.

Esse processo de elaboração de subjetividades a partir de determinadas diferenças relacionadas a performances e estilos é também acionado por garotas/os da Área, o que possibilita que elaborem estratégias para sua permanência no local⁶. Um dos grupos que emergem naquele contexto e denotam ameaça àquelas/es jovens são as torcidas organizadas de futebol. Em qualquer domingo, principalmente naqueles em que ocorre algum jogo na cidade, quando surgem jovens com camisetas ou acessórios identificando relação com algum time, uma tensão toma conta da Área. O pressuposto é que as torcidas seriam compostas por pessoas necessariamente avessas às condutas daquelas/es presentes naquela região do parque e lá estariam para promoverem algum tipo de agressão, o que não raro se efetiva.

A observação das pessoas da Área para além do parque torna ainda mais explícitas certas diferenças entre elas e grupos que reagem à manifestação de suas performances e estilos. Seja próximo ao Vaca Brava ou, ainda, em uma praça do Jardim Novo Horizonte, bairro goianiense onde residem algumas/ns garotas/os, quando elas/es recorrem à “pinta” e à descontração, geralmente recebem o escárnio de algumas pessoas por meio de gritos, buzinas e menções jocosas. Em uma das ocasiões, alguém de dentro de um carro gritou para alguns garotos – crítica que foi respondida pelos jovens por meio de mais provocações.

Contudo, considerando a violência iminente e as modalidades de resistência disponíveis a essas/es jovens, reações ousadas podem não ser aplicáveis a qualquer situação em que notifica-se alguma intolerância. Quando não cabe a provocação, algumas/ns silenciam-se; e, para além disso, certas/os jovens abstém-se de condutas e

⁶ Esse aspecto corresponde a uma de minhas dificuldades ao entrar em campo, pois eu não “fazia o estilo” das/os jovens da Área, posto que era visivelmente mais velho, não utilizava de referenciais estéticos semelhantes e nem me portava de maneira próxima a suas performances. Esse desafio em minha aproximação a elas/es foi trabalhado na medida em que investi em indumentária menos formal e, ainda, quando construí junto às/aos jovens mútua confiança mediante sucessivas visitas à Área.

posturas que mantém quando em contextos de lazer, assim como na Área, enquanto outras/os insistem em uma montagem que seja mais freqüente.

Mediante variadas modalidades de investimentos em estilos e performances, as/os jovens em questão transitam pela cidade e constituem um circuito da “pinta” relacionado aos ambientes que freqüentam. Em função de marcadores de cor/raça, geração, sexualidade, gênero e classe, elas/es elaboram e negociam como e quais diferenças são manifestadas em público, seja entre elas ou em relação a seus “outros”.

4. Referências

- ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- AVELAR, Rezende; BRITO, Walderes; MELLO, Luiz. A (in)segurança pública que o estado brasileiro oferece à população LGBT: mapeamento crítico preliminar de políticas públicas. In: MELLO, Luiz (org.). *Políticas Públicas para a população LGBT no Brasil: um mapeamento crítico preliminar*. Goiânia: UFG, FCS, Ser-Tão, 2010, pp. 309-355.
- BISPO, Raphael. *Jovens Werthers: antropologia dos amores e sensibilidades no mundo emo*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado: Unicamp, 2008.
- FRANÇA, Isadora. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado: Unicamp, 2010.
- PERILO, Marcelo. Entre árvores ou paredes: subversão e controle nas sociabilidades de adolescentes homossexuais. In: Anais do 34º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu, 2010.
- _____. O local público e um público num local: sexualidade como diferença em sociabilidades juvenis. In: Anais da IX RAM. Curitiba, 2011.
- SILVA, Wilma. *Relatos etnográficos à meia-noite: o universo estético dos góticos na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado: PUC/SP, 2006.
- SIMÕES, Júlio; FRANCA, Isadora; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: *Cad. Pagu*. Campinas, n. 35, Dec. 2010, pp. 37-78.
- VEGA, Alexandre. *Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo*. Dissertação de mestrado: Universidade de São Paulo, 2008.